

RECADO À DONA CLEO (MONTEIRO LOBATO)

José Carlos Sebe Bom Meihy¹ 

RESUMO

Texto em forma de “recado” promovendo avaliação sobre a recepção atual da obra de Lobato. Com ênfase aos problemas sobre racismo e “politicamente correto”, pretende-se discutir o revisionismo lobatiano.

Palavras-chave: Monteiro Lobato, Racismo, preconceito, literatura, história.

Dona Cleo.

Com aspirada intimidade, permita-me simplesmente chamá-la de Cléo. Posso? Apoio esta minha audácia no fato de termos algo em comum, uma causa que nos aproxima bastante: a devoção a Monteiro Lobato. Por certo, sua condição familiar lhe empresta prestígio natural, pois bisneta tem poderes garantidos até pela estrutura jurídica que, aliás, a legitima na ordem sucessória direta. E cumprimento-a pelo empenho em assumir a defesa pública de bisavô tão querido por tantos, ainda que agora, infelizmente, ele volte a ser atacado por uma turba curtida na cultura do cancelamento eletivo... E Lobato foi o escolhido para ser o apedrejado da vez, apontado por ser racista, preconceituoso, ou sei lá o que mais.

Vítima de uma estratégia rasteira - tecnicamente chamada de *anacronismo* -, alguns de seus escritos têm sido recortados em frações que cuidam de descontextualizar passagens e assim favorecer leituras oportunistas. Deslocados, esses fragmentos se multiplicam desenhando um mosaico estranho ao pretendido, algo distinto do que seria se vistos em suas composições originais e historicidades autênticas. Sim é lamentável notar a rasa “presentificação” que muitos fazem de Lobato, como se ele estivesse escrevendo agora, com os valores de hoje e para um público de nossos dias. Acho incrível quando o fiam nas malhas da eugenia esquecendo-se, entre outras coisas, que à época, figuras de proa na vanguarda progressista eram eugenistas. E o olhe Cleo (posso, né?) que estou falando de Dom Helder Câmara, João Cândido (o nosso valoroso “Almirante Negro”) e até do querido Vinicius de Moraes que, integrando lista longa de nomes, flertou com a eugenia. Pois é, quase todos mudaram, inclusive Lobato.

¹ Univerdade de São Paulo (USP)

Autor Correspondente: José Carlos Sebe Bom Meihy
E-mail: jcarlosbm@hotmail.com

Recebido em 18 de Fevereiro de 2022 | Aceito em 05 de Julho de 2022.

É verdade que nosso herói nunca deixou de ser polêmico, combatido, provocador de poderosos inimigos pessoais e institucionais - não foi, aliás, por pouco que ele tenha amargado meses na cadeia. Intriga muito assinalar que há uma espécie de tática iconoclasta voltada ao mais famoso escritor taubateano. Destacado em passagens de suas valentes experiências, o nosso Juca experimentou as principais correntes de seu tempo. Sabe, admiro demais a coragem de seu bisavô que nunca renunciou às novidades, cuidando de adaptar seus pressupostos de classe social. E como foi intenso em cada uma dessas aventuras: comunista, socialista, monarquista, georgista, entreguista frente os Estados Unidos, racista, materialista, espírita, parapsicólogo, nossa, tantas e continuadas referências. Todas transitórias e voláteis. E, curioso, não faltam passagens que confirmam cada uma delas. Incrível isso, não? E por que será que o estacionaram na questão eugênica? Por que será que não assinalam as mudanças de opinião?

Aprendi que é difícil falar de Lobato sem datar as referências. Sim, a cada citação faz-se necessário remeter ao seu momento vivencial, à frenética dinâmica de seus dias e à correspondente lista de textos publicados. Pois é, a obra de Lobato é complexa e merece ser lida na inscrição de sua intrincada biografia. Sem profundidade, são categóricos seus adversários que tudo emendam sem nuançar detalhes de espaço e tempo. Simplistas demais, seus detratores ignoram que se pode dizer que há um Monteiro Lobato para cada momento e, perpetuando enquadramentos pontuais, tantos tratam de explicar a floresta pelo destaque de uma única árvore. O que é impossível negar, felizmente, é sua presença na dilatação do moderno imaginário brasileiro. Aí ele é gigante e absoluto, soube-se firmar como instigador e assim rasgou o céu fechado de visões passadistas.

Tenho me surpreendido com certos movimentos favoráveis aos que acham ser natural o processo de retomada da obra de Lobato. Neste sentido, aliás, respeito e louvo admirado sua postura em propor alguma “atualização” de suas ideias. Do fundo do meu coração, reconheço valor legítimo nisso, mas me vejo também autorizado a dar alguns pitacos (como diria Emília). Antes, deixe-me apresentar. Sou modesto acadêmico, historiador, professor aposentado do Departamento de História da USP. Muito mais que isso, sou leitor crônico de Lobato e, nos limites de minha abrangência, tenho assumido o papel de crítico da respeitável obra de nosso escritor amado. Dizendo de outra maneira, me perfilo na linhagem daqueles inumeráveis “filhos de Lobato”, segundo adjetivação proposta por José Roberto Whitaker. Há, porém, um diferencial que pode distinguir minha atitude: cresci em Taubaté convivendo com alguns personagens capitais para o entendimento da memória do criador do Sítio do pica pau amarelo.

Admirador da produção de Osni Lourenço Cruz, busco ser cultor de explicações que querem entender as raízes e o comprometimento de Lobato com sua base familiar, pessoas ligadas às tramas históricas de uma sociedade escravocrata. Há algo aclarador nisso, pois exatamente aí reside o segredo da produção de alguém que sendo da elite preocupou-se em modernizar. Parto desta forma para identificar o suposto que garante a existência de duas tabulações da crítica lobateana, uma muito potente e reconhecida “de fora” e, outra, agora vigorada por devotos como Osni Cruz, “de dentro”. A diferença é que os “de fora” promovem um Lobato feito de leituras analíticas, decorrentes de publicações impessoalizadas, e os demais – nós vale-paraibanos – mantemos respeito às suas tradições familiares, claramente voltadas a um conservadorismo que o perturbava, mas do qual queria sair sem ter modelos. Talvez esse dilema explique o nosso Monteiro Lobato como eterno mutante. Mutante inclusive das posições eugênicas. Interessante como isto pode provocar releituras de suas obras, principalmente das dirigidas às crianças.

O primeiro livro que puxou a carreira de minha vida de leitor foi “Reinações de Narizinho”, isso quando ainda a menina Lúcia era considerada em sua “cor de jambo”, moreninha como moreninho foi seu bisavô, neto da escrava Anacleto Augusto do Amor Divino. Estranho como pouca gente

deixa transparecer essa característica do nosso Lobato. Será que sabem? E desde então navego ao longo do vasto mar de especialistas e biógrafos, sempre admirado das ausências de menções a essas singularidades e carentes de instrução histórica. Sabe como é, né: paixão da meninice a gente nunca esquece, arrasta vida a fora e assim fico intrigado pela falta de compreensão de dados que são essenciais para julgamentos.

Do chão de minhas memórias pessoais sobre Lobato, declaro que sempre fui alinhavando argumentos que, de comentários soltos viraram artigos, temas de palestras, cursos. Como persona amiga, o bom Lobato nunca se descolou de mim. Assim, tal paga obrigatória – algo tipo dízimo intelectual afetivo – vou e volto ao seu bisavô. Estou ciente que na fortuna crítica do debate lobateano, funciono mais como aquele bichinho acarrapatado do que como crítico esperto em literatura, mas não deixo de me posicionar. Nem consigo...

Sou historiador de ofício e isto garante viés específico justificador do meu apego lobateano, que, contudo, se faz também por outra razão pessoal: mais que conhecer, convivi com pessoas que partilharam a vivência de Lobato, tipos do Vale do Paraíba. E então, morador que fui de Taubaté, tenho assumido o ajuste da busca de um “Lobato doméstico”, homem vinculado às inefáveis origens que o explicam como herdeiro de uma oligarquia posta em questão, alguém que, mesmo sendo afamado intelectual, nunca deixou de ser meio acaboclado – tal “caboclinho de Taubaté” –, personagem indeciso no mundo dos negócios capitalistas. Sabe Cleo, ainda sofro a cada vez que retomo as falências de negócio e o identifico como capitalista mal resolvido, mas nunca deixei de compreender essas suas limitações, mas, como se fora vingança, me distraio com as procuras incessantes de algum triunfo quimérico nos negócios: fabricar doces, ter restaurante em Nova York, publicar livros comestíveis. Sonhador ele, não?

Troco com constância o “grande Lobato”, o exibido empreendedor, capitão da indústria, pela vivência de amigo devotado, saudosista do tempo dos “três jacarés” (Gentil de Camargo, Cesídio Ambrogi e ele). Ele nunca deixou Taubaté e a crítica nas vezes amargas que fez provam seu apego. Foi em Taubaté que ele nasceu e onde está sepultado – círculo perfeito este. Gosto disso. Gosto porque humaniza Lobato além da santificação ou maldição irrestritas, como se fora herói ou anti-herói nacional forjado em jargões. Saído da tradição cafeicultora, o mundo dos negócios lhe era enigma desafiador que, aliás, o jogou no mais fatal dos paradoxos: chegar a adido comercial em Nova York. Ironia, não?! Como é difícil entender Lobato!...

Já que me permiti tangência crítica, devo dizer que concordo com a senhora em relação à retomada da obra de Lobato em novas chaves. Defendo, porém que sejam mantidas suas propostas como foram firmadas depois do estabelecimento definitivo de seus textos nas “Obras Completas” publicadas de início pela Editora Brasiliense na raiz dos anos de 1960. Discordo de “atualizações”, em particular daquelas feitas em nome do mercado, como se ele precisasse. E também desdenho “correções” politicamente corretas. E como me entristeço quando tiraram o cachimbo do saci, embranqueceram Narizinho, desdenharam Tia Anastácia tão amada por Pedrinho que a via detentora da sabedoria popular.

Sinceramente, refuto cirurgias editoriais, sempre feitas por operadores mais capazes de deformar obras do que exercitar leituras instigantes. Há, imagine, quem defenda “edições”, “correções”, “modernizações”, tudo em nome de um suposto oportunismo. Em vez de proporcionarem análises na base do “como era” versus “como é, ou como deveria ser”, querem elidir passagens, redizê-las “de outro jeito”, algo moderninho no pior sentido da palavra. Para mim, o mais danado de tudo é que o propõe em nome de causas, de direitos humanos, de reparações, e de favorecimento ao movimento negro. Pode?

Cleo, saiba que não me conformo com segmentos que tanto criticaram Rui Barbosa por queimar documentos e que agora reivindicam a mesma prática de cancelamento do nosso Lobato. Triste, né? Sabe, às vezes me veem à cabeça a lembrança dos talibãs que em março de 2009 destruíram, no Afeganistão, as maiores estátuas de Buda existentes no mundo.

Creio que poderíamos juntar forças em uma direção mais justa e afinada com o que seu bisavô pretendia: discutir a cultura de maneira inteligente e crítica. Vamos fazer uma campanha para discutir as estratégias de leituras da obra de Lobato? Que tal pensar mediações de leituras, multiplicar comentários sobre o passado, o presente e transições? Propor análises comparativas de obras da época e de agora, que acha? Isso não seria melhor do que deformar aquela produção tão criativa, cheia de inventividade, instigadora de problemas? Sabe, imagino alguém lendo as passagens sobre o Jéca Tatu de 1914, depois retomando-as em 1931 e agora. Não seria magnífico? Em vez de autoritariamente, sob qualquer pretexto, mudar o texto estabelecido, discuti-lo promovendo entendimento sobre o andamento histórico. Ah, devo dizer também que sou daqueles que não acreditam que mudando a linguagem não se altera a mensagem. Mexeu, mexeu, do verbo alterar...

Enfim, sou grato ao nosso tempo por duas razões lobateanas: uma por notar que sua obra está viva e continua incomodando; outra, por saber que a força da expressão proposta por nosso autor insiste em provar que sim, o Brasil é racista – sempre foi – e que, como Lobato, é capaz de mudar. Sejam vibrantes contra o cancelamento e que Lobato continue nos abençoando.

Respeitosos abraços

José Carlos Sebe Bom Meihy